

# “DE NOME FILHOTE”, DE MARINA COLASANTI: FORMANDO LEITORES E DISCUTINDO A CONDIÇÃO FEMININA

## “DE NOME FILHOTE”, DE MARINA COLASANTI: FORMANDO LECTORES Y DISCUTIENDO LA CONDICIÓN FEMENINA

Nathalia Bezerra da Silva Ferreira 1  
Verônica Maria Araújo Pontes 2

**Resumo:** A escola é um local de partilha, de construção do conhecimento, mas é também um espaço de desconstrução de estereótipos e preconceitos que não se aplicam mais à mulher contemporânea, uma vez que muitos aspectos ideológicos que se relacionam com um modelo patriarcal ainda são facilmente identificados no cotidiano de nossa sociedade. Nesse sentido, o presente trabalho tem por objetivo apresentar uma proposta de letramento literário para ser utilizada na primeira série do ensino médio, tendo como foco a questão feminina. Para tanto, tomamos como base o conto de fadas “De nome filhote”, de Marina Colasanti. Trata-se, pois, de um trabalho que se propõe a contribuir na formação de leitores dentro das escolas e de discutir questões que sejam capazes de repensar os “papéis” femininos. Utilizamos como referencial teórico: Colomer (2003), Cosson (2014), Bauman (2005) e Zinani (2006).

**Palavras-chave:** Conto de Fadas. Formação de Leitores. Condição feminina.

**Resumen:** La escuela es un lugar para compartir, para construir conocimientos, pero también es un espacio para deconstruir estereotipos y prejuicios que ya no se aplican a las mujeres contemporáneas ya que muchos aspectos ideológicos que se relacionan con un modelo patriarcal aún son fácilmente identificados en la vida diaria de nuestra sociedad. En este sentido, el presente trabajo tiene como objetivo presentar una propuesta de alfabetización literaria para ser utilizada en el primer ciclo de la enseñanza media, centrándose en la temática femenina. Para eso, tomamos como base el cuento de hadas “De nome filhote”, de Marina Colasanti. Se trata, por tanto, de un trabajo que pretende contribuir a la formación de lectores dentro de las escuelas y discutir temas que sean capaces de repensar los “roles” femininos. Utilizamos como marco teórico: Colomer (2003), Cosson (2014), Bauman (2005) y Zinani (2006).  
**Palabras clave:** Cuento de Hadas. Formación de Lectores. Condición Femenina.

Mestra em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN. Professora de Língua Inglesa da Secretaria da Educação do Estado do Ceará – SEDUC-CE.  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9368668240656087>.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3906-9270>.  
E-mail: [nathalia.bzr@gmail.com](mailto:nathalia.bzr@gmail.com)

Pós-doutora e Doutora em Educação pela Universidade do Minho-Portugal. Professora do POSENSINO/UERN/IFRN/UFERSA e do Doutorado e Mestrado em Letras/UERN. Professora efetiva do IFRN/Ipangaçu.  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5868116609416027>.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2774-4491>.  
E-mail: [veronicauern@gmail.com](mailto:veronicauern@gmail.com)

## Introdução

Neste trabalho, interessa-nos discutir a formação de leitores tendo o texto literário de autoria feminina como foco. Constantemente discute-se sobre o papel da escola na formação de leitores. Nesse sentido, acreditamos na possibilidade de se realizar um trabalho conjunto entre a formação de leitores e um diálogo sobre as questões relacionadas à condição da mulher.

No cenário atual da literatura brasileira para um público jovem, Marina Colasanti é uma das autoras que mais se destaca pelo aspecto múltiplo de sua obra. Escreve poesias, contos, crônicas, novelas, ensaios, atingindo, assim, o público infante juvenil e adulto. Assumidamente feminista, é autora de obras a respeito da condição e autoria feminina. Observa-se nessa produção literária a constante ocorrência de personagens femininas marcantes ao longo de sua obra.

A posição que a mulher ocupa no Brasil, desde o período colonial, tem se mostrado inferior em relação ao sexo oposto. Essa inferioridade se reflete não somente nas diversas esferas sociais e nas condições de trabalho e remuneração, mas se estende também ao preconceito em relação ao corpo e à sexualidade.

Nesse sentido, o feminismo, ou seja, o movimento que se posiciona politicamente contra essas condições, tem ocupado um lugar de luta oposta a essas desigualdades no Brasil desde a década de 1970. O feminismo busca dar respostas contra o patriarcalismo, isto é, uma ideologia em que os homens possuem controle e supremacia das formas com as quais a sociedade se relaciona.

A luta da mulher brasileira é espelhada em outras tantas lutas que ocorreram ao redor do mundo que, independentemente do lugar de fala, tinham como principal objetivo a equidade de direitos. O feminismo, dessa forma, tenta ocupar um lugar humanístico. Não se trata de, ao responder ao patriarcado, tentar ocupar o lugar dele, gerando, então, outras formas de opressão, mas sim o de um caminho que nos leve ao reconhecimento dessa equidade.

Assim, percebemos que os contos de fadas são também um espaço em que o pensamento feminista ganha destaque. Diferentemente do que ocorre nas versões clássicas como as de Perrault (2012) e Grimm (2005), as mulheres representadas por Colasanti não reproduzem comportamentos de uma sociedade patriarcal, na verdade elas trazem aspectos de novas identidades femininas que estão em constante transição.

Essa visão diferenciada percebe a mulher muito além de determinações previamente existentes. A literatura de contos de fadas, desse modo, que tem como parte de seu público leitor indivíduos que ainda estão em formação leitora e de suas personalidades, contribui para a quebra de paradigmas em relação à mulher e abre discussões para as múltiplas facetas do ser feminino como sujeito social, historicamente constituído e, conseqüentemente, dentro de um retrato literário.

Nosso trabalho está dividido em três partes. Na primeira, apresentamos nosso posicionamento teórico quanto ao papel da escola na formação de leitores, apontando para um caminho trilhado para a desconstrução de preconceitos, e reconstrução de novas possibilidades para a mulher na sociedade. Na segunda parte, focamos em uma análise do texto literário tendo como base a crítica feminista da literatura como forma de dar suporte crítico feminista para os(as) professores(as). Por último, sugerimos algumas atividades para o trabalho em sala de aula com o conto “De nome filhote”.

## Formação de leitores na escola: um trabalho pedagógico e político

Formar leitores é uma das atribuições da escola. É por meio da leitura que temos a oportunidade de conhecer novos horizontes, ter acesso às novas informações, instruímo-nos quanto a inúmeros assuntos de nosso interesse, vivenciar o gosto, o prazer pela leitura, desenvolver nosso pensamento crítico, dentre tantas outras coisas que ela nos proporciona.

Diante disso, temos um longo trabalho a desenvolver na escola pública de ensino médio, uma vez que é nesse ambiente que se constitui nossa área de atuação. Embora o foco seja o ensino médio, deparamo-nos, muitas vezes, com alunos com extrema dificuldade leitora, em

níveis iniciais, com sérias dificuldades em realizar uma leitura mais profunda, em inferir, em posicionar-se diante de um texto. É o que também nos diz os dados do PISA<sup>1</sup>, que, ao avaliar alunos na faixa etária dos 15 anos, destaca o Brasil em um nível de interpretação inicial, como podemos ver em seus relatórios atuais.

Cosson (2014), ao analisar o ensino atual de literatura na educação básica, volta-se para as inúmeras situações desfavoráveis que têm contribuído para que esse ensino não seja capaz de criar leitores, e conclui:

[...] estamos adiante da falência do ensino da literatura. Seja em nome da ordem, da liberdade ou do prazer, o certo é que a literatura não está sendo ensinada para garantir a função essencial de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza. Em primeiro lugar porque falta um objeto próprio de ensino. Os que se prendem aos programas curriculares escritos a partir da história da literatura precisam vencer uma noção conteudística do ensino para compreender que, mais que um conhecimento literário, o que se pode trazer ao aluno é uma experiência de leitura compartilhada (COSSON, 2014, p. 23).

Diante disso, percebemos também a importância de proporcionar aos(as) discentes momentos em que a literatura seja lida, relida, comentada e, principalmente, compartilhada entre eles e os(as) professores(as). Nosso papel enquanto professoras da educação básica que lidam diretamente com a formação dos(as) educandos(as) é o de fomentar tais práticas no espaço da escola, e, a partir de estímulos e orientações necessários, contribuir assim para a formação do leitor dentro da escola.

Nesse contexto, acreditamos ser necessário um trabalho mais intenso com o texto literário como forma de contribuir de forma efetiva para essa formação do leitor. Nessa perspectiva, apresentamos o gênero textual conto, que é um dos possíveis gêneros a serem trabalhados, pois possui um tamanho relativamente curto, sendo ainda capaz de ser lido e trabalhado na própria aula.

Dentre os contos, optamos pelos contos de fadas pela ampla divulgação desse tipo de literatura. Leitores ou não, nossos(as) alunos(as) conhecem esses textos e são capazes de fazer associações e comparações na leitura do texto escolhido. Assim, tratamos aqui de um conto de fadas moderno, com comportamentos bem diferentes dos encontrados nos tradicionais, e esse pode ser o caminho inicial para o trabalho com o texto literário, visto que o nosso intuito maior é o de contribuir com o desenvolvimento da leitura, e estabelecer esses interlaços pode nos ajudar nessa tarefa.

Nosso posicionamento parte da certeza de que a literatura é um espaço também de confrontamentos, de diálogos, de construção de novos horizontes no que diz respeito a preconceitos e estereótipos. Nossa leitura, portanto, é uma leitura empenhadamente feminista, e que, por isso, baseia-se na crítica feminista, que:

[...] busca definir o sujeito mulher, verificar as práticas culturais através das quais esse sujeito se apresenta e é apresentado, bem como reconhecer as marcas de gênero que especificam os modos de ser masculino e feminino, além de sua representação na literatura (ZINANI, 2006, p. 19-20).

<sup>1</sup> Programa Internacional de Avaliação de Estudantes, que, ao avaliar os países nas áreas de leitura, ciências e matemática, mostra o Brasil em 57º lugar no ranking da educação. Mais informações no site: <http://portal.inep.gov.br/pisa>.

O letramento literário prevê um posicionamento crítico por parte do leitor. Nossa visão é a de que é possível elaborar um trabalho conjunto entre o ensino de literatura e um questionamento sobre os “papéis” sociais de homens e mulheres, sobre como é construído o discurso literário em torno do sujeito mulher.

Colomer (2003, p. 133) chama a atenção para as maneiras como a literatura se articula com a realidade:

O principal derivado deste enfoque educativo é que se a literatura oferece uma maneira articulada de reconstruir a realidade, de gozar dela esteticamente, de explorar os pontos de vista próprios através da apresentação de outras alternativas ou de reconciliar-se com os conflitos através de uma experiência pessoal e subjetiva, o papel do professor deveria ser, principalmente, o de questionar e enriquecer as respostas, o de esclarecer a representação da realidade que a obra pretendeu construir, mais do que o de ensinar princípios ou categorias de análise.

O trabalho com o texto literário, como apresentou o excerto, permite-nos relacionar contextos pessoais e coletivos. Ao proporcionar isso, podemos utilizá-lo como ferramenta para questionarmos essas representações e o(a) professor(a) passa a ter um papel de fundamental importância, uma vez que é a partir das escolhas literárias que faz que permitirá que os(as) estudantes se confrontem com essa realidade e possam ser capazes de identificar aspectos que não se aplicam mais ao contexto social contemporâneo.

No caso do conto que analisamos nesse trabalho, focamos sobre aspectos da identidade feminina. Não significa dizer que apresentaremos um conceito, um modelo que deverá ser seguido, gerando, desse modo, novos padrões identitários. Pelo contrário, trata-se de desconstruir essas propostas fixas e discutir com os(as) alunos(as) as múltiplas possibilidades existentes.

Tendo explicitado nosso posicionamento político e teórico, partimos agora para uma leitura do conto “De nome filhote”, que poderá ser tomada como base para o trabalho pedagógico que propomos.

### **“De nome Filhote”: o percurso feminino representado**

No conto “De nome filhote”, de Marina Colasanti, somos apresentados a uma castelã que vive com sua ama em um castelo. Os familiares mais velhos estão mortos e os mais jovens partiram. As mulheres vivem sempre em busca de um casamento, mas os homens são sempre requisitados por viagens, por guerras, estando quase sempre ausentes. Diante disso, a castelã começa a se entediar, a se sentir sozinha. Pensando em resolver sua solidão, pensa em criar uma criança, mas é recriminada por sua ama:

Crianças há muitas – respondeu a ama que a criou e a quer como a uma filha. – Mas são sonho impossível para uma moça solteira. Quem acreditaria que a criança não é sua? A desonra mancharia o brasão da família. E traria de volta os homens para um castigo feroz (COLASANTI, 2015, p. 364).

A ama, ao repreender o desejo da moça em criar uma criança, aponta para o contexto patriarcal dentro do conto. Mesmo não tendo uma personagem masculina diretamente participante da história, a simples menção de irritar os homens da família faz com que a Castelã seja obrigada a mudar de ideia, mostrando, assim, o local de poder que o homem ocupa no seio da família.

A moça pensa em outra forma, em outra companhia para espantar sua solidão: um filhote! E decidida a ter um amiguinho com o qual pudesse se entreter, manda sua ama em busca de um filhote que seja macio, carinhoso e, principalmente, um animal ao qual ela pudesse querer bem. A ama, então, parte em busca de atender ao pedido da personagem. Essa não é uma tarefa fácil de ser cumprida, uma vez que ela já criou uma série de expectativas sobre o filhote que ainda nem conhece. Após muito andar e analisar as possibilidades, a ama finalmente encontra algo que acredita ser capaz de agradar sua castelã.

O esforço da ama é recompensado pela alegria com a qual é recebida com o filhote. Embora não saiba exatamente a que espécie pertence seu bichinho, a jovem muito se alegra em receber a ama de volta e, imediatamente, se encanta pelo novo morador do castelo.

A princesa, assim, afeiçoa-se ao seu filhote. Os dias, que antes lhe pareciam monótonos e sem graça, ganham nova vida com a presença do animal. Se antes o castelo era dominado pelo silêncio e, até mesmo, pela tristeza, agora os risos e a felicidade tomam conta de todos os cantos.

Para alimentá-lo, inicialmente, dão pedacinhos de pão umedecidos ao leite. Com o passar do tempo, porém, percebem que aquilo não será suficiente para mantê-lo saudável. O filhote cresce. Tentam dar-lhe pedaços de carne e isso o agrada bastante. O problema que surge, no entanto, é que, como o castelo não possui homens que possam cuidar da caça, não há carne suficiente para poder alimentar ao filhote.

Por não haver carne em quantidade suficiente, a castelã mostra-se bastante corajosa ao se propor à caça para alimentar seu animal. A ama, por sua vez, não parece acreditar que sua patroa, que ela considera tão frágil e delicada, tenha condições de caçar: “[...] a Ama ri, damas não caçam, não educou sua patroa para isso” (COLASANTI, 2015, p. 365).

Acostumada à vida no castelo, a moça sofre ao sair de seu recinto familiar. Seu longo cabelo se prende nos arbustos, sua saia longa se prende nas raízes, não possui força suficiente para conseguir manejar adequadamente o arco e a flecha. Embora essa primeira experiência não tenha sido exitosa, a moça não desiste. Usa sua teimosia para prosseguir com o seu objetivo: caçar para assim poder alimentar seu filhote. Lembra-se de roupas antigas dos homens que deixaram a casa. Veste-se com calças, casacos, botas e coletes e parte para seu propósito. A ama mais uma vez a recrimina. Na verdade, pensa que a jovem não está preparada para aquela situação.

Depois da roupa adequada, a dama busca um armamento que a auxilie na tarefa e passa a treinar diariamente, não se ocupando de mais nada. O filhote, agora grande e forte, parece-lhe a companhia perfeita para as caçadas. Castelã e filhote são inseparáveis em suas ações. A dama, portanto, passa por uma grande transformação. Se antes era frágil e delicada, agora, tal qual o seu filhote, cresce e amadurece, transformando-se em uma mulher independente, forte e determinada a alcançar sua meta.

A metamorfose pela qual passa não é entendida pela ama. Esta parece estar muito atrelada aos moldes de uma sociedade em que a mulher não possui participação efetiva e não pode realizar seus desejos livremente sem a necessidade de dar satisfações de seus atos, muito menos de viver sem se importar com eles. Embora não compreenda completamente a situação, admira a beleza dessa mudança. Consegue visualizar que a moça, agora, assemelha-se a um pajem e fica bonita assim.

Há, nesse momento, um choque entre comportamentos femininos. A personagem mais velha demonstra estar envolta aos formatos de uma sociedade em que a mulher não tem muita autonomia e que teme a figura masculina. Já a jovem recusa-se a seguir esse modelo e desafia essa ordem dita como “normal”. A castelã, não se identifica com essa proposta de identidade feminina que a ama defende e deseja encaixá-la.

O que a personagem faz ao transvestir-se é provar a si mesma que possui a habilidade necessária para se colocar em posições até então consideradas como estritamente masculinas.

De tanto na floresta ficar, chega o momento em que se sente tentada a ir mais além. Começa a perceber que a vida naquele espaço já não lhe é suficiente:

redor, inclusive o bosque, lhe pareça pequeno e ela deseje intensamente seguir o caminho dos irmãos e primos. Na espessa sombra das árvores, o cheiro de Filhote lhe fala de sol (COLASANTI, 2015, p. 366).

Na medida em que o filhote vai crescendo e ganhando força, o mesmo acontece com a castelã. Não é apenas ela que cuida dele e dá subsídios para a sua sobrevivência, uma vez que ele faz o mesmo com ela, mas em outro sentido. Enquanto ela cuida do seu bichinho por uma perspectiva fisiológica, alimentando-o e cuidando dele, o animal, por outro lado, parece ser capaz de nutri-la também, nutrindo-a com um sentimento que a leva a conquistar a sua liberdade.

O filhote, agora já grande, embora o texto não lhe dê um nome, é, na verdade, um leão. Tomamos consciência disso através de seu rugido e das descrições físicas que inclui uma grande juba. O leão, tomando como partida Chevalier e Gheerbrant (2007), é um símbolo de poder, força, segurança, ressurreição, entre outros. No contexto deste conto de fadas, percebe-se que essas características vão tomando espaço na conjuntura da narrativa. Entretanto, essas características não são incorporadas apenas pelo animal.

A moça, assim, vê-se persuadida a deixar que o sentimento que anseia por liberdade tome conta dela. Ela tenta adiar, desistir, até que se dá conta de que não é possível. Aguarda, então, até a primavera para seguir seu novo caminho. A estação simboliza o início de um novo período: a fertilidade, a prosperidade que a ajudaram no crescimento e no seu amadurecimento. O desejo que possui para conhecer o que lhe está desconhecido é maior:

Ainda se contém durante todo o inverno, segredando a Filhote o que lhe vai ao pensamento. Mas a chegada da primavera traz a tarde em que na floresta, onde tudo brota e renasce, ela olha decidida para trás. Vê ao longe o castelo severo, acredita vislumbrar a ama em uma das poucas janelas.

-- Eu volto- murmura baixinho em despedida, sem ter certeza de estar dizendo a verdade. E enroscando os dedos na juba do companheiro segue adiante, rumo às distâncias tantas que se abrem para ela (COLASANTI, 2015, p. 366).

Nota-se que a personagem anseia por liberdade. Pelo contexto, percebe-se que estava aprisionada dentro do castelo. Até mesmo as janelas, que poderiam proporcionar uma visão do mundo exterior, eram poucas. A moça, assim, apresenta-se limitada pelo espaço do castelo.

Essa prisão da moça é simbólica. O narrador, no início do conto, deixa claro que ninguém a mantém enclausurada. O que ocorre, porém, é que ela não possui condições de se aventurar além do castelo e do jardim que o cerca. Ela precisa amadurecer, ser capaz de se autossustentar, estar preparada para ao sair da segurança do lar para a floresta lidar com os inúmeros desafios que surgirão para ela.

O inverno, desse modo, é um período de profunda introspecção que proporcionará à castelã a possibilidade de amadurecimento de suas ideias. Se outrora tinha o desejo de aventurar-se, mas tinha medo e cedia à repreensão da ama, agora, passado o período de amadurecimento, consegue tomar suas próprias decisões e caminhar para que seus objetivos sejam alcançados.

O castelo, onde ela antes estava, é um espaço recorrente dentro dos contos de fadas. É um local em que princesas frágeis aguardam que príncipes encantados venham resgatá-las. Chevalier e Gheerbrant (2007) ressaltam a solidez desse tipo de edificação e a dificuldade de acesso, simbolizando assim um local de proteção. Em "De nome filhote", podemos fazer essas associações, pois a princesa encontra-se presa em um ambiente que lhe dá certa proteção. No entanto, essa proteção exige um preço: ela precisa adequar-se à sociedade patriarcal que

a castra, impedindo-a de se realizar como mulher de acordo com o que deseja para si mesma.

Nesse sentido, percebe-se que a moça passa por um processo em que está construindo a sua identidade. Se antes, no castelo, ela era frágil e indefesa, precisando de sua ama para cuidar dela, com a chegada do Filhote, passa a ser capaz não apenas de cuidar dela mesma, mas também de prover para o animal que tanto ama.

Temos, assim, a impressão de que essa mudança se fazia necessária para a castelã. A identidade que possuía antes era capaz de lhe garantir uma vida tranquila dentro do castelo, porém, como ela deseja muito mais do que isso, precisa passar por uma completa mudança a fim de estar em condições para sobreviver. Para isso, ela se transfigura. Deixa de ser uma entre tantas outras castelãs para ser uma habilidosa “moça cavaleiro”.

Nesse novo roteiro de vida que traça para si, a personagem adentra a floresta com seu filhote. A floresta, para Chevalier e Gheerbrant (2007), possui um papel de santuário natural, local cheio de árvores que simboliza a vida. A floresta é o oposto do castelo. Se o castelo simboliza a prisão da castelã, é na floresta que ela pode exercer sua liberdade, seus desejos. A floresta é ainda, dentro dos estudos da psicanálise, um símbolo do mergulho no inconsciente. Ao se deixar dominar pelo desejo de abandonar o castelo e aventurar-se pela floresta, a princesa realiza um mergulho em seu interior.

Quando adentra na floresta, a moça aflora seus desejos de liberdade e re(nasce) para viver como deseja, segundo suas próprias decisões, provando a ela mesma e a quem precisar que o que antes era considerado como unicamente um espaço masculino, é, na verdade, um lugar para todas e todos que se mostrarem corajosos o suficiente para assumir as responsabilidades necessárias e as rédeas de seus próprios passos.

Na narrativa, temos uma representação feminina bem em contraste com a da castelã. A ama reproduz e fortalece os preceitos patriarcalistas, dando aos homens da família total poder, mesmo na ausência deles, pois eles precisam ser “respeitados” e temidos. A ama demonstra que teme aos homens, uma vez que faz de tudo para não incitar a ira deles. A castelã já possui um modo bem diferente de ver as coisas. Não parece se intimidar com os poderes que o sexo masculino possui, porém, inicialmente, não tem clareza do que deseja para si própria e se permite ser levada pelos conselhos dados por terceiros.

Conquanto esteja fascinada, tomada pelo desejo de se aventurar para muito além do castelo, tem receios e se autolimita. Mesmo desejosa pelo novo, ela não consegue se desapegar do que lhe é familiar. Mesmo demorando, finalmente percebe que não deve ficar mais onde está. Ela deve seguir adiante. Deve se apropriar do desconhecido. Assim, parte com seu fiel companheiro, o leão.

Ao sair dos domínios do castelo, a castelã desvincula-se de padrões e estereótipos que a sociedade exige que ela siga. Ela precisa sair desse domínio e, para tanto, não há nada mais simbólico e poético do que se aventurar em uma floresta na companhia do rei dela, assumindo assim o controle de sua vida e de seus passos. Nesse percurso, passa a criar uma identidade para si mesma. Se antes tinha medo da floresta, ela agora é capaz de caçar, andar livremente nela, mudando assim o modo como se relaciona consigo e com o mundo.

Em uma visão mais ampla, podemos comparar a vida da castelã com o percurso da mulher ao longo da história. Em um primeiro momento a temos presa em um castelo, vivendo o que lhe é imposto sem questionar. Entretanto, ela parece ser tomada por uma nova consciência. Influenciada pelo desejo de liberdade do filhote, vai aos poucos compreendendo que essa liberdade é também o que ela deseja, que é também a sua própria natureza. Em seguida, temos um momento de autodescoberta, ela agora passa a ir cada vez mais longe, conhecendo novos caminhos e firmando seus passos, até que é chegado o momento em que ela se sente em condições de se aventurar pelo desconhecido.

Não podemos afirmar se o que encontrará pela frente será bom ou ruim para ela, pois, sem dúvidas, terá muitos desafios, mas com a certeza de que ela mesma é quem dita seus passos. A castelã, desse modo, passa um momento de transição de descoberta de uma nova identidade para si mesma, uma vez que já não consegue mais se encaixar no que lhe é exigido com a vida no castelo.

Assim, vemos a similaridade no percurso da construção da mulher, que inicialmente

aparenta fragilidade desde a sua infância, até se constituir como mulher que trabalha, cuida do seu lar, cuida da sua vida e é possível de se cuidar sozinha e dos seus filhos, isso na percepção da mulher nos dias atuais, avançando em sua própria constituição histórica.

### **Letramento na escola: uma proposta**

Seguimos agora para uma proposta de trabalho em sala de aula com o conto “De nome filhote”. Por trabalharmos com o ensino médio, direcionamos essa sugestão de atividade para turmas de primeiro ano. Escolhemos esse público porque é recém-chegado do ensino fundamental, o que nos leva a crer que lá teve contato com o gênero conto de fadas.

Mesmo que na escola não tenha sido realizado um trabalho de letramento literário com os contos de fadas, essas histórias são amplamente conhecidas, seja por meio de versões cinematográficas, desenhos, contação de histórias, enfim, há um repertório cultural que se pode evocar e que proporciona uma relação de aproximação entre texto e leitor. Essas atividades foram pensadas para acontecerem com uma carga horária de 4 h/a, ou seja, uma semana de aula de língua portuguesa, tendo como base o currículo de uma escola regular de educação básica da rede do Estado do Ceará.

Esta proposta está baseada na sequência básica de Cosson (2014), que consiste em fazer do trabalho com o texto literário em sala de aula algo mais metódico, com passos bem definidos pelo professor, como forma de deixar de lado improvisos quando se trata da formação de leitores literários. Para tanto, é preciso que se tome os seguintes passos: motivação, introdução, leitura e interpretação.

A motivação consiste em criar mecanismos que envolvam o aluno com o texto literário. Não há aqui um trabalho direto com o texto, mas pode-se abordar outros gêneros, outras mídias, para se trabalhar com temáticas presentes, por exemplo, como forma de despertar o interesse do aluno para as etapas que virão. O segundo passo é o de introdução. Nele, recomenda-se que se volte para uma contextualização da obra e do(a) autor(a) que está sendo utilizado. Na sequência, as ações se voltam para o texto em si, proporcionando a leitura dele. Por último, é realizado um trabalho de interpretação em que os alunos, com o auxílio do(a) professor(a), poderão atribuir sentidos ao texto lido.

### **“De nome filhote”: uma proposta de letramento**

Nossa leitura foca no texto literário de autoria feminina, tendo como objetivo, além de contribuir para a formação de leitores, fomentar para que a escola se torne também um lócus para discussões pertinentes ao papel da mulher na sociedade e como a literatura representa essas mulheres. Por isso, iniciamos com a escuta da música *Pagu*, de autoria de Rita Lee e Zélia Ducan:

Mexo, remexo na inquisição  
Só quem já morreu na fogueira  
Sabe o que é ser carvão  
Hum! Hum!

Eu sou pau pra toda obra  
Deus dá asas à minha cobra  
Hum! Hum! Hum! Hum!  
Minha força não é bruta  
Não sou freira, nem sou puta

Porque nem toda feiticeira é corcunda

Nem toda brasileira é bunda

Meu peito não é de silicone  
Sou mais macho que muito homem  
Nem toda feiticeira é corcunda  
Nem toda brasileira é bunda  
Meu peito não é de silicone  
Sou mais macho que muito homem

Ratatá! Ratatá! Ratatá!  
Taratá! Taratá!

Sou rainha do meu tanque  
Sou Pagu indignada no palanque  
Hanhan! Ah! Hanran!  
Fama de porra louca, tudo bem!  
Minha mãe é Maria Ninguém  
Hanhan! Ah! Hanran!

Não sou atriz, modelo, dançarina  
Meu buraco é mais em cima

Porque nem toda feiticeira é corcunda  
Nem toda brasileira é bunda  
Meu peito não é de silicone  
Sou mais macho que muito homem

Nem toda feiticeira é corcunda  
Nem toda brasileira é bunda  
Meu peito não é de silicone  
Sou mais macho que muito homem

Nem toda feiticeira é corcunda  
Nem toda brasileira é bunda  
Meu peito não é de silicone  
Sou mais macho que muito homem

Ratatá! Ratatá  
Hiii! Ratatá  
Taratá! Taratá!

Pagu é um dos *singles* do álbum 3001, de Rita Lee, lançado no ano 2000. Na canção, o eu lírico faz referência à Patrícia Galvão, escritora, poeta, tradutora, desenhista e jornalista, que tinha Pagu por pseudônimo. Pagu, com seus comportamentos à frente de sua época, torna-se um símbolo dentro dos movimentos feministas.

As compositoras da música, assim, utilizam-se da simbologia para trazerem à tona questões que estão relacionadas ao ser mulher. Realizar a escuta da música em sala de aula pode

ser uma forma de introduzir uma das temáticas presentes no conto, que é a condição feminina.

A canção realiza uma desconstrução de alguns dos estereótipos tidos como femininos ao utilizar-se, repetidas vezes, de opostos extremos, como por exemplo, quando diz “não sou freira, nem sou puta”. Ao mencionar a figura religiosa de uma freira, suscita uma leitura de uma mulher como obediente aos preceitos divinos, que abdica de sua vida, de sua sexualidade para viver o celibatário. A freira, remete desse modo, a uma mulher pura, casta, inocente e que viveria de acordo com o que a sociedade patriarcal espera dela.

Por outro lado, na figura da puta, ou seja, daquela que negocia (ou não) seu corpo por dinheiro, temos uma relação totalmente oposta. O termo puta também pode ser atribuído no sentido de ser uma mulher livre, sem amarras, dona de si e capaz de decidir sobre o seu próprio corpo. A mulher aqui é representada como figura devassa, sem valor, pondo-a, portanto, em uma situação desvantajosa, uma vez que é o modelo casto e puro que é defendido em uma sociedade sexista.

A própria construção social que envolve o termo puta pode ser colocada em discussão. Podemos então indagar: O que é uma puta? O que faz com que a sociedade intitule uma mulher dessa maneira? A palavra traz atrelada uma série de preconceitos em relação à vida de uma mulher na sociedade e se faz necessário uma discussão sobre isso com os(as) alunos(as). No caso, os(as) estudantes do ensino médio podem até estranhar o termo utilizado na canção, entretanto, para um entendimento sobre a condição feminina, debater tais palavras e seus significados é relevante dentro de um contexto educacional que objetiva ser libertador.

Ao apresentarmos essas duas possíveis identidades femininas, podemos questionar outros cenários com os alunos. Um deles diz respeito às outras possibilidades identitárias. Será que só existem essas duas possibilidades para a mulher? Ou se encaixa em um perfil que cobra dela uma postura mais “certa” possível ou é vista como impura, perdida, sendo assim, numa leitura mais ampla, justificável que a sociedade a critique, julgue, menospreze?

A desconstrução desses estereótipos é também realizada no conto de Marina Colasanti. A escritora, a partir de um modelo tradicional, que é o conto de fadas, reconstrói personagens com aspectos de identidades que se aproximam mais de um contexto pós-moderno.

Entendemos assim que, ao abordar essas desconstruções, as representações de mulher presentes na música podem ser um caminho inicial para chamar a atenção dos(as) alunos(as) para as temáticas presentes no conto. Portanto, propomos a escuta acompanhada da letra, seguida de uma breve discussão sobre as mulheres representadas na canção como forma de iniciar essa sugestão de atividade.

Vale ressaltar que o(a) professor(a) não deve, nessa etapa, discutir a temática do conto de forma explícita, pois ainda não é chegado o momento para isso. Aqui, é importante ainda deixar o(a) estudante livre para criar suas primeiras impressões sobre o conto, que poderão ser ou não confirmadas após a leitura do texto.

A próxima atividade tem por objetivo realizar uma contextualização de aspectos importantes para o entendimento do conto. Cabe aqui realizar uma apresentação, seja ela por meio de *slides*, vídeos, *handouts* ou mesmo no quadro branco, da escritora Marina Colasanti. Nesse momento, é pertinente ressaltar a ligação constante da autora com questões voltadas para a mulher, para os feminismos, destacando ainda o projeto pessoal de escrita com os contos de fadas. A estrutura de um conto de fadas poderá ser apresentada nesse momento, pois será pertinente para as discussões que virão acerca da análise do texto, bem como uma conversa sobre as histórias que conhecem deste gênero literário. É relevante realizar um comparativo entre as representações femininas presentes nos contos de fadas que os(as) alunos(as) conhecem. Outro aspecto a ser considerado é o período de publicação da obra analisada.

Na introdução, como o próprio nome já diz, deve-se ter cuidado para não se aprofundar demais. Essa parte da sequência não é a principal atividade. O trabalho com o texto literário deve ser o centro das ações quando pensamos em formar leitores. Por essa razão, recomendamos não se estender muito, concluindo a atividade em, no máximo, quarenta minutos.

Para a motivação e a introdução, propomos, desse modo, que sejam realizadas em duas aulas de cinquenta minutos cada, deixando as duas próximas aulas para a leitura e inter-

pretação do conto “De nome filhote”.

Na próxima aula, o(a) professor(a) pode iniciar lembrando o que foi abordado anteriormente como forma de fortalecer o que já foi estudado e, ainda, de situar algum aluno que porventura tenha se ausentado na aula anterior. Na sequência, o(a) docente poderá dividir os alunos em duplas para realizarem a leitura do conto. Para isso, deve-se favorecer o silêncio em sala de aula para que os(as) alunos(as) possam ter uma leitura silenciosa, um contato mais direto com o texto.

Após a leitura silenciosa, como o conto tem uma extensão pequena, pode-se realizar uma segunda leitura. No intervalo entre as leituras, peça aos alunos que escrevam as primeiras impressões sobre a narrativa, orientando para que destaquem o que mais chama a atenção deles. Agora, a leitura pode ser feita em voz alta e de forma compartilhada entre eles. Realizar mais de uma leitura favorece um entendimento mais profundo do texto.

É importante estimular para a escrita da lista de primeiras impressões, pois poderemos confrontar se, após as discussões e interpretações realizadas, o posicionamento deles permanecerá o mesmo diante do texto.

Com as leituras realizadas, partimos para a parte que necessita ser mais explorada. Tendo como foco a formação do leitor, é preciso que deixemos espaço para que os(as) alunos(as) possam evidenciar aspectos do texto. Podem reler um trecho que tenha chamado a atenção em voz alta. É nesse momento que o(a) professor(a) deve conduzir, por meio do diálogo, a uma reflexão acerca da condição feminina representada no conto.

Os(as) alunos(as) podem iniciar as discussões deixando as impressões percebidas no texto sem interferências. Toda leitura do texto é válida, e mesmo aquelas que divergem do posicionamento político de nossa abordagem devem ser respeitadas. Entretanto, como mediadores da ação e tendo objetivos específicos, temos também o papel de apresentar nossa leitura, até mesmo como forma de debater o texto lido.

Outro aspecto importante a considerar é que, por mais que um texto desperte amplas e diversas interpretações, há ainda um posicionamento implícito no texto, que buscamos compreender por meio da interpretação dele. Após esse trabalho, caso julgue essencial, o(a) professor(a) pode também propor uma atividade escrita com o texto, como, por exemplo, algumas questões de interpretação, escrita de resenha, resumo, o que perceber que se enquadra bem com a turma em que leciona ou até mesmo comparativo entre outras leituras realizadas pelos alunos(as).

## **Considerações Finais**

No presente trabalho, elaboramos uma proposta de atividade com o conto de fadas “De nome filhote”, de Marina Colasanti, que priorizou o próprio texto como a parte principal. Pensamos a escola como um local que deve favorecer as práticas de leitura, como um local em que o letramento literário deve acontecer de forma democrática e prazerosa.

Cientes da importância da escola como locus de letramento, construímos uma proposta para ser aplicada na primeira série do ensino médio. Baseamo-nos na sequência básica de Rildo Cosson. Focamos, ainda, na formação crítica do leitor, trazendo para a sala de aula a temática da condição feminina, discutindo com os alunos como os “papéis” femininos se modificaram na vida real e como os contos de fadas também têm atualizado as suas temáticas, mostrando-se, desse modo, em consonância com as múltiplas identidades femininas contemporâneas.

Entendemos também que o letramento não se restringe a apenas uma atividade leitora com um conto, mas que ele se apresenta no cotidiano do(a) discente e do(a) professor(a), de forma que também deve estar presente na sala de aula, e a identificação do(a) aluno(a) com a literatura trabalhada é de fundamental importância para que o processo se consolide. Por isso, abrir essa perspectiva de formação leitora também para outros contos, outros gêneros literários, seria uma proposta de expansão do que foi proposto aqui.

## Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Me-deiros. Rio de Janeiro. Jorge Zahar ed., 2005.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Tradução de Arlene Caetano. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2014.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionários de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

COLASANTI, Marina. **Mais de 100 histórias maravilhosas**. São Paulo: Global, 2015.

COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário**: narrativa infantil e juvenil atual. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.

GRIMM, Jacob. **Conto dos Irmãos Grimm**. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

PERRAULT, Charles. **Contos da Mamãe Gansa**. Tradução de Ivone C. Benedetti. Porto Alegre: LP&M Editores, 2015.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. **Literatura e gênero**: a construção da identidade feminina. Caxias do Sul: Educs, 2006.

Recebido em 10 de agosto de 2020

Aceito em 19 de março de 2021